

Interação e persuasão em artigo de opinião de Carlos Heitor Cony: um enfoque sistêmico-funcional

RESUMO

Maria Piedade Teodoro da Silva
piedadeteodoro@hotmail.com
Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, São Paulo, Brasil.

O ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Médio tem como meta, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 2000), o desenvolvimento da sensibilidade não só para reconhecer a intencionalidade implícita e conteúdos discriminatórios ou persuasivos, especialmente, nas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação, mas também o desenvolvimento da competência escritora, dessa forma produzindo textos coesos e coerentes. A persuasão, esse aspecto importante da ideologia, pode ser descrita linguisticamente em termos da avaliação presente nos textos por meio das propostas teórico-metodológicas da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma abordagem multifuncional, que permite uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos que realizam variados significados. O objetivo deste artigo é o exame, de cunho crítico, da persuasão que percorre o artigo de opinião, *Efola! Mata!*, de Carlos Heitor Cony, para verificar não só a estruturação de gênero, mas também as escolhas feitas na microestrutura desse artigo que concorrem para a produção do texto desse consagrado autor. Para tanto, a pesquisa deve responder às seguintes perguntas: (a) como se caracteriza a estruturação de gênero nesse artigo, tendo em vista a questão da persuasão? (b) como é feita a relação entre as formas linguísticas e a ideologia que subjaz a esse artigo para garantir a persuasão na argumentação desenvolvida nesse texto? Os resultados da análise mostram que a observação da estrutura genérica do artigo, via função interativa, e das escolhas léxico-gramaticais, por meio da função interacional, são uma opção para garantir a persuasão que apoia a argumentação tecida por Cony.

PALAVRAS-CHAVE: Artigo de opinião. Gênero. Persuasão. Argumentação. Linguística Sistêmico-Funcional.

INTRODUÇÃO

A produção de um texto escrito é um processo social não só porque representa uma interação entre escritor e leitor, mas também por representar um papel em um determinado sistema social (HALLIDAY; HASAN, 1989), visto que incorpora determinada ideologia. O ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000), deve enfatizar, em especial, a compreensão e a produção de textos escritos, sempre levando em conta os gêneros previstos para determinado ciclo escolar e ajustados a seus objetivos e leitores. Deve, também, deter-se na compreensão do sentido de mensagens orais e escritas, desenvolvendo a sensibilidade para reconhecer a intencionalidade implícita e conteúdos discriminatórios ou persuasivos, especialmente nas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação; deve ter como meta texto escrito com coesão e coerência.

Já que haverá, sempre, valores implicados no uso da linguagem, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores, argumenta Fowler (1991), que propõe uma análise que denominou Linguística Crítica. Para o autor, qualquer aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica, como, seleção lexical, opção sintática, dentre outros, havendo assim modos diferentes de abordar o mesmo assunto. Diferenças em expressão, continua o autor, trazem distinções ideológicas (e assim diferenças de representação). Nesse sentido, Hunston (1993) argumenta que um aspecto importante da ideologia – o sistema de valores – pode ser descrita linguisticamente em termos da avaliação presente nos textos.

Dito isso, o exame do artigo de opinião, com enfoque na persuasão, leva em consideração questões referentes à chamada consciência da audiência por parte do escritor (LEE, 2008), envolvendo a metafunção interpessoal, composta pelo componente interativo e pelo componente interacional. O componente interativo refere-se à estrutura do texto, no caso, do gênero artigo de opinião - com seus estágios e finalidades (MARTIN, 1984, p. 25); o componente interacional apoia-se nas escolhas léxico-gramaticais feitas pelo autor do texto, para a realização de três significados, cobrindo a informação, a interação e a construção do texto, segundo proposta da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

A LSF concebe a língua como sendo a expressão de três metafunções concorrentes a fim de entender o mundo e o outro (HALLIDAY, 1994, HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; MARTIN, 2000, 2003): ideacional (a informação), interpessoal (a interação) e textual (a construção do texto oral ou escrito, de acordo com o propósito e as exigências do meio sócio-histórico-cultural). Como Martin e White (2005, p. 7) explicam, "a LSF é um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso".

O objetivo desta pesquisa é o exame, de cunho crítico, da persuasão que percorre o artigo de opinião, de autoria de Carlos Heitor Cony: *Esfola! Mata!*. Para tanto, examinei a função interativa referente à estrutura de gênero e suas implicações na produção de um texto coerente e coeso, bem como a função interacional, com o apoio da LSF, uma teoria que vê a língua como um processo social, e cuja multifuncionalidade é essencial à análise do discurso (FAIRCLOUGH,

1992a; FOWLER, 1991), pois permite o exame da conexão entre a estrutura linguística e os valores sociais.

A pesquisa deve responder às seguintes perguntas: (a) como se caracteriza a estruturação de gênero nesse artigo tendo em vista a questão da persuasão? (b) como é feita a relação entre as formas linguísticas e a ideologia que subjaz a esses artigos para garantir a persuasão na argumentação desenvolvida nesses textos?

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise do artigo de opinião, *Efola! Mata!*, de Carlos Heitor Cony, em que examino os meios de persuasão aos quais recorre o autor, conta com teorias referentes: (a) ao gênero e aos modos textuais, tratando mais especificamente da função interativa; (b) à Linguística Sistêmico-Funcional, incluindo a modalidade e a avaliatividade, que exercem a função interacional, revelando as escolhas léxico-gramaticais que contribuem para a realização da persuasão; (c) à Linguística Crítica e à Teoria de Toulmin, referentes à avaliação da veracidade da argumentação apresentada.

1.1 A Persuasão

A persuasão para ser bem-sucedida exige, a seu favor, a formulação de sólida argumentação. A argumentação visa a provocar ou a incrementar a “adesão dos espíritos às teses apresentadas ao seu assentimento”, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (1970). Por outro lado, deve-se considerar que a ação verbal é dotada de intencionalidade, pois busca fluir sobre o comportamento do outro ou partilhar opiniões (KOCH, 2002).

A persuasão, de acordo com Hunston (1993), esse aspecto importante da ideologia – o sistema de valores – pode ser descrita linguisticamente em termos da avaliação presente nos textos. A avaliação pode ser definida como qualquer coisa que indique a atitude do escritor em relação ao valor de uma entidade no texto ou mesmo em relação ao interlocutor. Por outro lado, a autora propõe:

Para ser convincente a persuasão deve parecer ser uma reportagem. Segue-se que a avaliação, através da qual a persuasão é realizada, deve ser altamente implícita e, assim, evitará a linguagem atitudinal normalmente associada ao significado interpessoal” (HUNSTON, p.193, 1994).

Corroborando com esse posicionamento, Kitis e Milapides (1997) mostram que a persuasão pode ser feita por meio de avaliação explícita ou implícita, envolvendo a convicção e a sedução, ou seja, enquanto os mecanismos de convencimento e convicção trabalham ao longo de linhas cognitivas argumentativas, a sedução, ao contrário, em vez de confiar na verdade e/ou credibilidade de argumentos, explora a emoção e a aparente confiabilidade daquele que persuade.

A coerência e a coesão são fatores que garantem a unidade textual (HALLIDAY e HASAN, 1989), importante fator que concorre no estabelecimento da persuasão. Mas, antes, uma distinção importante: para Bednarek (2005) a coerência não é uma propriedade inerente ao texto; ela se refere a relações

lógicas de um texto e é estabelecida pelos ouvintes. Em outras palavras, ela se refere à extensão pela qual os ouvintes julgam que este texto “está unido” e constitui um todo unificado. Daí a importância da noção de intersubjetividade. Nesse sentido, Kärkkäinen (2006) considera uma visão de avaliação mais dialógica, dinâmica e emergente - considerando-a mais como uma característica da língua intersubjetiva do que subjetiva. Também devemos levar em consideração, segundo Lemke (1988), a diversidade das vozes heteroglóssicas, que falam por meio do autor ou estão prontas para falar por ele, e o uso que o texto faz das práticas heteroglóssicas, que servem para construir as relações de aliança e oposição entre as vozes.

1.2 Gênero

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, explica Bakhtin (1997 [1952-1953], p. 279), mas “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 280). Incluem desde o diálogo cotidiano até a exposição científica. No caso desta pesquisa, o gênero é o de um artigo de opinião, pertencente ao âmbito jornalístico e cuja finalidade é a exposição de um ponto de vista acerca de um determinado assunto.

Bakhtin argumenta que ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a linguagem e a vida. Nesse sentido, Vigner (1988) afirma que o reconhecimento de gênero permite regular a leitura sobre um sistema de expectativa, inscrevendo-a numa trajetória. Rose e Martin (2012, p. 2) referem-se ao termo “pedagogia baseada em gênero” para designar as estratégias designadas a guiar os estudantes a distinguir e escrever de acordo com os gêneros ensinados na escola.

Na LSF, o gênero foi definido por Martin (1984, p.25), como “uma atividade, organizada em estágios, orientada para uma finalidade na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura”. Essa definição, que detalha, especificando a definição de Bakhtin, facilita sua aplicação em análises de texto.

Com referência à estrutura do texto, Hasan (1989 [1985], p. 52 apud LUKIN, 2013) afirma que uma das fontes da unidade textual é a estrutura, e propõe a noção de estrutura de gênero potencial (EGP), um conceito que inclui elementos obrigatórios e opcionais, e a ordenação potencial desses elementos no texto. Para ilustrar a noção de estrutura, Hasan (HALLIDAY; HASAN, 1989) refere-se ao modelo mais antigo de estrutura de texto no Ocidente, que se origina em Aristóteles, quando este definiu a tragédia grega como sendo constituída de três elementos: começo, meio e fim; refere-se também à peça teatral japonesa, o kabuki, e diz que, neste, o gênero Sewamono inclui um subgênero, o Enkimono, que apresenta uma estrutura constituída de Evento Precipitativo, Evento Resultativo e Revelação, que são essenciais ao Enkimono. Hasan defende então, que tanto a tragédia grega quanto o Enkimono são exemplos de gênero. Feito

isso, a autora passa a esclarecer o que ela entende por “elemento da estrutura de um texto’ e ‘a estrutura de gênero de um texto’.

Entre a tragédia grega e a conversa casual, há uma vasta gama de gêneros, variando na medida em que a estrutura global de sua mensagem parece ter uma forma definida. Muitos poderão se surpreender, afirma Hasan, diante da sugestão de que há uma estrutura até num texto gerado durante a compra de um quilo de batatas e três cabeças de alho.

Se nos reportarmos a Porta (2002), a EGP de um texto argumentativo apresenta elementos obrigatórios. O autor, ao explicar a diferença entre dissertação e argumentação, afirma que dissertar somente sobre uma questão, sem apresentar um problema bem como a argumentação em defesa de um ponto de vista sobre esse problema, não constitui uma argumentação. Dissertar sobre uma experiência pode desempenhar um papel importante na argumentação, mas não dispensa a apresentação do problema enquanto tal.

O autor também ressalta que uma hipótese é um candidato à tese. As “teses filosóficas”, segundo ele, cumprem uma condição: elas são a solução de um problema. O estabelecimento da tese principal de uma determinada obra depende, portanto, da correlativa fixação do seu problema básico.

A tese é uma solução ao problema e implica um optar, enquanto outras alternativas são descartadas, continua Porta. É aqui que os argumentos desempenham um papel essencial. O que legitima a opção por uma determinada tese são os argumentos.

Assim, a EGP de um texto dissertativo-argumentativo seria assim constituída:

Quadro 1 – EGP de dissertação argumentativa

| |
|----------------------------|
| Problema |
| Hipótese de Solução |
| Argumentos |
| Tese |

De os textos dissertativo-argumentativos que tenho examinado, tais como editoriais e artigos de opinião publicados em jornais, tenho verificado que o problema é, por vezes, antecedido de um estágio que descreve a situação em que ocorre o problema (que seria, então, um elemento opcional na proposta de Hasan), ou situação e problema convergem no mesmo estágio. Por outro lado, um estágio pode estar implícito, como é o caso em que o jornal não deixa clara a solução para o problema, deixando-a a cargo do leitor por meio de farta e persuasiva argumentação.

Alguns esquemas genéricos foram propostos, desde então, tais como, os padrões: (a) Problema-Solução (com quatro estágios: Situação – Problema – Resposta – Avaliação) (HOEY, 1986, 1994); (b) Hipotético-Real (um fato comprova ou refuta uma hipótese) (THOMPSON, 2001); (c) Pergunta-Resposta (argumentos

pró ou contra uma pergunta) (HOEY, 1994). Minha análise apoia-se na EGP do Quadro 1.

A seguir, a proposta de Reynolds (2000) mostra os modos textuais que integram um texto argumentativo.

1.3 Modos Textuais

Textura, segundo Reynolds (1997) é a instanciação no discurso de duas ordens virtuais de estrutura, ou seja, a estrutura de gênero e a estrutura linguística (REYNOLDS, 1997). Textura é um conceito funcional que inclui a coesão descrita pelos linguistas sistêmico-funcionais, tais como Halliday e Hasan (1976, 1989) e Martin (1992), mas também, e mais importante, inclui a coerência.

Reynolds afirma que a textura de um texto pode ser explicada em termos de apenas três modos de textura representacional – narrativa, descrição e argumento – e mostra como o argumento predomina no gênero editorial (fato que, de acordo com a presente pesquisa, pode ser estendido ao gênero artigo de opinião).

Em termos de modo textual, a função do artigo de opinião é, por conseguinte, comentar, via modo argumentativo, os eventos correntes, expressos por meio dos modos narrativos e descritivos. A razão para tal fusão deriva da necessidade de apoiar o argumento com evidência: a narrativa e a descrição tratam de afirmações verificáveis, enquanto o argumento trata de afirmações não verificáveis, afirma Reynolds (2000).

O objetivo de um artigo de opinião é persuadir o leitor sobre determinado ponto de vista; porém essa noção pode ser demasiadamente idealística, diz Reynolds (2000), num mundo comercialmente competitivo, e, assim, esse objetivo pode ser também o de munir os leitores de preconceitos. É nesse ponto que a ideologia entra no texto, à medida que, como parte de suas funções, está o atingir e confirmar os interesses, as preocupações e pontos de vista do leitor. A ideologia aqui é, nas palavras de Thompson (1996), “o pensamento de outros”, pois é uma interpretação pelo jornal daquilo que o leitor quer ler.

Nesse contexto, Li (2010) investiga as relações entre escolhas de certas formas linguísticas e as ideologias/relações de poder que subjazem a essas formas. Com base em Van Dijk (1993, 1997), Li trata da relação entre a noção macro da ideologia no discurso e a noção micro das escolhas léxico-gramaticais do texto, estabelecendo um elo entre o social e o individual, o macro e o micro, o social e o cognitivo.

1.4 A Linguística Sistêmico-Funcional

Para a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), a língua está estruturada para construir, simultaneamente, três tipos de significados ou metafunções: ideacional, interpessoal e textual. Essa sobreposição é possível porque a língua é um sistema semiótico, ou seja, um código convencionalizado organizado como um conjunto de escolhas feitas na

léxico-gramática, um nível intermediário entre esses significados e a realização linguística oral ou escrita. O exemplo (1), retirado de um fôlder do Citibank, mostra essa sobreposição:

(1) *Como cliente do Internacional Personal Banking, você será atendido por profissionais experientes, no seu idioma e de acordo com as práticas financeiras de seu país. (negrito meu)*

A escolha do item lexical “você” é feita no âmbito da metafunção ideacional dentre outras possibilidades (“pessoa”, “o senhor/a senhora”, “cliente”, “todos”) mostra a atuação da metafunção interpessoal, que visa à aproximação do banco do potencial cliente, criando um ambiente acolhedor; finalmente, a metafunção textual, por meio da voz passiva, alça “você” para a posição de sujeito da oração, com o que se torna o tema da oração, o sujeito psicológico, que orienta a interpretação do leitor. Comparemos o exemplo com uma outra possibilidade em (2):

(2) *O Citi proporciona, ao cliente do Internacional Personal Banking, atendimento por profissionais experientes, que o auxiliarão no seu idioma e de acordo com as práticas financeiras de seu país.*

Os exemplos (1) e (2) mostram o fato de que, quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado frente às escolhas que poderiam ter sido feitas. A LSF procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

Por outro lado, é imprescindível, para a LSF, a consideração da inter-relação entre língua e contexto. Halliday e Matthiessen (2004) enfocam a relação entre textos e seus contextos, investigando como as escolhas feitas no sistema da língua atuam sobre o contexto, ao mesmo tempo em que são restringidas pelo contexto social (CHRISTIE; DEREWIANKA (2008). Os contextos que afetam a língua, para os systemicistas, são sociais: (a) gênero (contexto cultural) e registro (contexto situacional). Para Martin (1992), o gênero representa os processos sociais em estágios orientados para uma finalidade de uma dada cultura, tais como uma narrativa, uma anedota, uma reportagem, um relato, um procedimento, etc., e, por isso, relaciona-se ao contexto de cultura. O registro, por outro lado, refere-se ao contexto de situação (MARTIN, 1992) e compreende três variáveis: campo (assunto), relações (interação) e modo (organização do texto).

Há também um terceiro contexto o ideológico, que tem sido abordado pela Linguística Crítica (FOWLER, 1991) com o apoio da LSF. A ideologia ocupa um nível superior de contexto, referindo-se a posições de poder, a vieses políticos e a suposições de valores, tendências e perspectivas que os interlocutores trazem para seus textos em que, em qualquer registro, em qualquer gênero, o uso da língua será sempre influenciado pela nossa posição ideológica.

Sobre a ideologia, Koch (1987, p.19) afirma que o ato de argumentar, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, “constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia”.

Cotter (2011), analisando relatos jornalísticos, afirma que o conteúdo real que resulta do processo de elaboração de reportagens também incorpora aspectos do sistema de valores e normas da cultura mais ampla em que o

repórter vive. Para ele, as contribuições dos jornais são de cunho duplo: para relatar sobre a diversidade de modo significativo e compreensivo, os repórteres precisam conhecer mais sobre a língua e o papel que ela desempenha na formatação de atitudes sociais; para produzir análises mais válidas do ponto de vista cultural e análises críticas etnograficamente sensíveis, o linguista precisa conhecer mais sobre as práticas discursivas e sociais nas quais os textos estão inseridos e que elas ajudam a construir.

A seguir, serão examinadas as metafunções ideacional, textual e a interpessoal.

1.4.1 A Metafunção Ideacional: a Transitividade

A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos de orações de fazer, sentir ou ser, por meio do sistema da transitividade, um componente analítico-chave da metafunção ideacional da língua. Os processos semânticos representados na oração têm potencialmente três componentes: o próprio processo, que é expresso pelo grupo verbal da oração; os participantes envolvidos no processo, realizados pelos grupos nominais da oração; e as circunstâncias associadas com o processo, expressas por grupos adverbiais ou preposicionais. Halliday (1994) ainda sugere a classificação dos processos, conforme representem ações, eventos, estados da mente ou estados de ser. Material, mental e relacional são os três tipos principais no sistema da transitividade, referindo-se, respectivamente, a ações ou eventos do mundo externo, à experiência interna da consciência e aos processos que classificam e identificam. Nos limites entre esses processos, estão o comportamental (manifestações externas de atividades internas, situado entre o material e o mental), o verbal (relações simbólicas construídas entre o mental e o relacional) e o existencial (processos relacionados à existência, situado entre o material e o relacional).

1.4.2 A Metafunção Textual: Tema e Rema

Na LSF, toda oração – em sua função de mensagem – possui uma estrutura temática, constituída de Tema e Rema, em que Tema é definido como sua posição inicial, enquanto o restante constitui o Rema. Segundo Halliday (1994), o Tema é um elemento em uma configuração estrutural que, tomado como um todo, organiza a oração como uma mensagem; uma mensagem consiste de um Tema combinado com um Rema, esclarece o autor. Nessa configuração, o Tema é o ponto-de-partida para a mensagem; é o solo de onde a oração decola. Assim, para Halliday, parte do significado de qualquer oração depende do elemento que é escolhido como Tema.

1.4.3 A Metafunção Interpessoal: Modalidade e Avaliatividade

Segundo Halliday (1994), a metafunção interpessoal refere-se à organização da mensagem como um evento interativo, envolvendo a audiência, e é constituída por Mood (Sujeito + Finito) + Resíduo. O Finito abrange: (a) o tempo primário (as flexões verbais) e (b) a modalidade como mostra o Quadro 2.

Quadro 2 - Metafunção Interpessoal

| <i>MOOD</i> | | <i>RESÍDUO</i> |
|-------------|-------------------------------|-----------------|
| Sujeito | Finito | |
| (a) João | precisa (<u>modalidade</u>) | estudar a lição |
| (b) João | -va (<u>tempo primário</u>) | estuda- a lição |

Fonte: Halliday (1994)

Segundo o autor, os tipos interpessoais fundamentais de papel de fala são apenas dois: dar e pedir informação ou bens & serviços, que se relacionam com a natureza do produto permutado: proposição (para informação) e proposta (para bens & serviços). O Quadro 3 mostra essas categorias.

Quadro 3 - Modalidade (Entre o SIM e o NÃO)

| DAR | PEDIR | Produto | MODALIDADE | |
|------------------------|------------------------|---|-------------|---|
| Informação | | Proposição → (Informação) | Modalização | <u>Probabilidade</u> (epistêmica): talvez |
| e.g. São duas horas. | e.g. Quem você viu lá? | | | <u>Frequência</u> : geralmente, sempre |
| Bens e Serviços | | Proposta → (Bens & Serviços) | Modulação | <u>Obrigação</u> (deôntica): deve, precisa |
| e.g. Deu-lhe flores. | e.g. Me empresta isso? | | | <u>Desejabilidade</u> : quero |

Fonte: Halliday (1994)

A metafunção interpessoal tem recebido contribuições, entre elas, a de Thompson e Thetela (1995) que propõem uma distinção no interior da metafunção interpessoal: PESSOAL (modalidade) e INTERACIONAL (Modo). Propõem, além disso, a função INTERATIVA (para guiar o leitor por meio do texto: por exemplo, em resumo, como dissemos antes, etc.), bem como de Martin (2000), que propõe a noção de avaliatividade, que apresento a seguir.

1.5 A Avaliatividade

Martin (2000) amplia o alcance da metafunção interpessoal com a noção de avaliatividade (Appraisal), desenvolvendo um sistema reticular de descrições

de opções semânticas para avaliar pessoas, coisas e fenômenos. Ele e seus colaboradores estavam interessados em uma série ampla de recursos interpessoais e adotaram o termo APPRAISAL para esse estudo.

A avaliatividade é constituída por três principais sistemas: (1) ATITUDE, que envolve três subsistemas, a saber: Afeto, Julgamento e Apreciação; (2) ENAJAMENTO, que distingue entre enunciados heteroglóssicos e enunciados monoglóssicos; (3) GRADAÇÃO, que trata dos recursos para intensificar ou minimizar a força da avaliação, conforme o Quadro 4 (MARTIN, 2000).

Quadro 4 - Recursos de Avaliatividade (APPRAISAL)

| | | | |
|-----------------------|-------------|--|--|
| AVALIATIVIDADE | ENGAJAMENTO | Monoglossia [avaliação sem negociação] | |
| | | Heteroglossia [avaliação com negociação] | |
| | GRADAÇÃO | Força | aumenta [a intensidade da avaliação] |
| | | | diminui [a intensidade da avaliação] |
| | | Foco | aguça [<i>um policial de verdade</i>] |
| | | | suaviza [<i>cerca de quatro pessoas</i>] |
| ATITUDE | | Afeto [avaliação da emoção] Julgamento [avaliação ética] Apreciação [avaliação estética] Avaliação Social [atitude relativa a grupos] | |

Julgamento e Apreciação devem ser interpretados como institucionalizações do Afeto que evoluiu para socializar os indivíduos – Julgamento como um afeto recontextualizado para controlar o comportamento (o que devemos ou não fazer), Apreciação como um afeto recontextualizado para dirigir o gosto (que coisas são dignas), segundo o autor. O Quadro 3 resume o sistema e subsistemas de avaliatividade.

Martin (2000) mostra que, quando a avaliação é realizada explicitamente, é fácil analisar uma atitude sobre um evento como positiva ou negativa. Mas há casos em que a avaliação não é realizada de maneira explícita. Em casos como esse, esclarece o autor, a decisão pela avaliação - se positiva, se negativa - depende da posição de leitura.

Esse fato levou Martin a postular uma distinção importante entre avaliatividade inscrita (explícita) e evocada (implícita). Nesse sentido, o autor propõe a noção de token de atitude para denominar o modo pelo qual o significado informacional pode ser “saturado” em termos avaliativos, ou seja, interpessoais. A avaliatividade pode, então, apresentar-se de forma: inscrita, evocada ou provocada, conforme mostra o Quadro 5.

Quadro 5 - Meios de ativação de Julgamento

| | |
|--|---|
| Inscrita (explícito) | As crianças estavam falando <i>alto</i> . |
| Evocada (implícito) (<i>tokens</i>) | As crianças conversavam enquanto ele dava aula. |
| Provocada (alguma linguagem avaliativa) | <i>A professora já estava na sala, mas as crianças continuavam falando.</i> |

Fonte: MARTIN (2003)

Como Martin (1992, p. 553-559) e outros sistemicistas (LEMKE, 1998; MATTHIESSEN, 1995; THOMPSON, 1998; HUNSTON; THOMPSON, 2000) notaram, as realizações de significados interpessoais tendem a ser mais prosódicas, espalhando-se pela oração ou pelo período. Ficará claro também que, em longos textos, as avaliações de proposições e propostas não são independentes da avaliação de seus participantes, processos e circunstâncias. Quando consideramos os significados em textos extensos e coesos, e não em orações individuais, encontramos fenômenos da língua que revelam novos recursos semânticos em nível do discurso que são as realizações prosódicas. Prosódia, termo proposto por Lemke (1998), refere-se aos componentes redundantes, qualificadores e amplificadores ou restritivos, daquilo que é funcionalmente uma única avaliação, que se espalham através de trechos de um texto.

1.6 A Linguística Crítica

A abordagem crítica inclui a Linguística Crítica, de Fowler et al. (1979, 1991), o trabalho de Fairclough sobre linguagem e poder (1989, 1992a, 1992b *rever*), os estudos culturais desenvolvidos (SCANELL, 1991) e os trabalhos sobre linguagem e gênero social (CAMERON, 1985, 1990; CALDAS-COULTHARD, 1997 e COULTHARD, 1996, entre outros).

A Linguística Crítica, uma das correntes formadoras da Análise do Discurso Crítica (ADC), é uma abordagem que foi desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia, Inglaterra, na década de 1970 (FOWLER et al., 1979; KRESS e HODGE, 1979). Segundo Fairclough (1992a, p. 46): “Eles tentaram casar um método de análise linguística e textual com uma teoria social da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à teoria linguística funcionalista associada a Michael Halliday (1978, 1985).

O ponto teórico principal na análise de Fowler é o de que qualquer aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica. Assim, na medida em que sempre há valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores. Esse é o ramo que se tornou conhecido como Linguística Crítica.

A análise crítica está interessada no questionamento das relações entre signo, significado e contexto sócio-histórico que governam a estrutura semiótica do discurso, usando um tipo de análise linguística. Ela procura, estudando

detalhes da estrutura linguística à luz da situação social e histórica de um texto, trazer, para o nível da consciência, os padrões de crenças e valores codificados na língua – que estão subjacentes à notícia e que são invisíveis para quem aceita o discurso como algo “natural”.

1.7 A Teoria de Toulmin

Na avaliação da pertinência dos argumentos, recorro à Teoria de Toulmin (1999 [1958]), para quem a argumentação é uma prática discursiva essencialmente dialógica: reivindicação e desafio, reivindicação e contra-reivindicação, realizados de forma dialógica, sequências de pergunta-resposta que subjazem à lógica do argumento cotidiano. Cada uma de suas categorias teóricas de reivindicação, dados, garantia, apoio, qualificação e condições de refutação é potencialmente sujeita a desafio com respeito a seu apoio ou validade; ou seja, em uma argumentação, avaliam-se, basicamente, os dados oferecidos como garantia para uma dada reivindicação.

Dessa forma, uma Reivindicação, para ser válida, deve apresentar Dados que sejam Garantidos. Para persuadir o interlocutor, a Reivindicação recorre a inserções de qualificadores, avaliações que tentam mostrar a sua veracidade, e que podem ser feitas de maneira categórica para evitar uma possível refutação.

Lauerbach (2007) mostra a proposta de Toulmin como um diálogo argumentativo fictício entre A e B (TOULMIN, 1958, p. 94-107):

Quadro 6 – A proposta de Toulmin

- (a) *Reivindicação*: asserção pela qual nos comprometemos. [por exemplo, Tom é cidadão britânico.]
- (b) *Dados*: fatos que oferecemos para apoiar a reivindicação. [Ele nasceu nas Ilhas Bermudas.]
- (c) *Garantias*: registro, implícito, da legitimidade do passo envolvido para passar dos Dados para a Reivindicação (2006 [1958]: 143). [Há uma lei que garante essa reivindicação.]
- (d) *Qualificação*: inserção de um qualificador [Ele é certamente um cidadão britânico.]
- (e) *Refutação*: circunstâncias nas quais não se aceita a autoridade geral da garantia. [Mas seus pais não são cidadãos britânicos.]
- (f) *Apoio*: afirmações categóricas que são expressas quando o refutador não aceita a validade da Garantia. [A afirmação de que os estatutos sobre a nacionalidade britânica foram de fato transformados em lei.] (TOULMIN, 2006 [1958], p. 153).

Conforme Lauerbach (2007), a Teoria da Argumentação interessa à análise do discurso, principalmente, com respeito a dois conceitos: a falácia ou raciocínio falho e o entimema, um silogismo abreviado, um argumento incompleto ao qual a audiência provê, inconscientemente, a premissa que falta. Por exemplo,

dizendo, Ele é pobre, mas é limpinho, significa dizer que Todos os pobres são sujos.)

A questão do critério de avaliação, porém, é complexa na teoria da argumentação. No trabalho de Toulmin (2006 [1958]), a validade de conclusões argumentativas é sensível a contextos discursivos em que elas ocorrem, tais como domínios de tópicos e de instituições.

2. METODOLOGIA

2.1 Dados

Foi analisado o artigo de opinião *Esfola! Mata!*, de Cony, publicado no jornal *Folha de São Paulo*, em 07.07.12 e retirado do site da Academia Brasileira de Letras. Trata-se de um artigo em que Carlos Heitor Cony se posiciona ante a opinião pública sobre o tratamento dado a Demóstenes Torres após sua cassação da posição de senador. Apresentando fatores de convicção e de sedução, Cony tenta persuadir o leitor de que é ineficaz “chutar cachorro atropelado”, de um lado porque o político já foi penalizado com a perda o cargo de senador e de outro porque há leis que ainda lhe permitem ampla defesa.

2.2 Procedimentos de Análise

A fim de responder às perguntas de pesquisa: (a) como se caracteriza a estruturação de gênero nesse artigo, tendo em vista a questão da persuasão? (b) como é feita a relação entre as formas linguísticas e a ideologia que subjaz a esse artigo para garantir a persuasão na argumentação desenvolvida nesse texto? , a análise de “*Esfola! Mata!*” segue os seguintes passos:

(a) Análise Interativa:

(i) examino a estrutura de gênero, com base na definição de gênero, de Martin (1984), como constituído de estágios e finalidades, especificando os estágios de acordo com a proposta de Porta (2002), conforme o Quadro 1, que trago novamente.

Quadro 1 – EGP de dissertação argumentativa

| |
|----------------------------|
| Problema |
| Hipótese de Solução |
| Argumentos |
| Tese |

(ii) examino os modos textuais (narração, descrição e argumentação) que constroem o artigo de Cony.

(b) Análise Interacional:

(i) examino as escolhas feitas no sistema da transitividade;

(ii) examino a modalidade e a avaliatividade.

(iii) A cada estágio analisado, segue-se uma discussão, explicando o procedimento feito.

(c) Discussão Geral dos Resultados:

Por fim, estabeleço a relação entre a análise no micronível linguístico e a realização da persuasão e da ideologia subjacente ao artigo.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise contempla duas partes: análise de gênero e análise de transitividade e modalidade/avaliatividade.

3.1 Análise de gênero no artigo “Esfola! Mata!”

A análise da estrutura de gênero do artigo de Cony, apoia-se na definição de gênero, de Martin (1984), como constituído de estágios e finalidades, especificando os estágios conforme a proposta de Porta (2002) em: situação – problema – hipótese de solução – argumentos – tese.

| | |
|--|--|
| ESTÁGIOS DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO | |
| Esfola! Mata! Carlos Heitor Cony | Título Autoria |
| Discussão do título | |
| O título é o tema do artigo e deixa em aberto a posição de Cony: é dele a voz que pede os atos ali propostos ou a voz é de outro(s)? | |
| Primeiro estágio | Hipótese |
| Aprendi, não sei com quem, que não se deve dar dois tipos de chute: em despacho de macumba e em cachorro atropelado. Na realidade, nunca tive vontade nem oportunidade para chutar despachos com farofa e velas acesas, e muito menos chutar cachorros. Daí a maneira como fiquei sabendo de mais uma coisa inútil, entre outras tantas. | Não se deve chutar cachorro atropelado, pois é inútil. |
| Discussão do 1º estágio | |

Inicia-se o esclarecimento da dúvida colocada no título. A voz que clama por “Esfola! Mata!” é de outros e não a de Cony. Notemos que o dito popular fala em "cachorro morto" e não "atropelado", o que sugere um cachorro ainda em atividade, o que pode fazer prever que o autor tenha mais a dizer. Notemos a expressão "coisa inútil", que se relaciona ao chutar cachorro atropelado, integrando a hipótese de Cony - chutar cachorro atropelado é inútil. Para tanto, o autor reforça sua posição durante o modo narrativo de que lança mão, com expressões como "na realidade, nunca tive vontade", "uma coisa inútil, entre outras tantas", frente à hipótese que vai demonstrar.

Notemos que a narração se apoia em assuntos do conhecimento geral do público, que, assim, não exige prova de veracidade. Desse modo, Cony recorre à ideologia – o sistema de valores – que pode ser descrita linguisticamente em termos da *avaliação* presente no texto. Essa avaliação é implícita, como "despacho de macumba", cujo significado, se negativa ou positiva, depende do enquadre mental do leitor.

Segundo estágio

No momento, temos o caso do ex-senador Demóstenes Torres, que depois de atropelado, está sendo chutado como o demônio da vez, na base do mata, esfola! Mereceu o atropelamento. Foi com alívio que a opinião pública recebeu a sua cassação. Mas a mesma opinião pública ficou pasmada ao saber que ele voltará a ser o que era, ocupando um cargo público com a respectiva remuneração.

Problema

Embora cassado, DT ocupará cargo público, o que contraria a opinião pública.

Discussão do 2º estágio

Embora não se deva “chutar cachorro atropelado”, Cony reconhece que o ex-senador Demóstenes Torres (DT) “mereceu ser chutado”. Observa-se aqui a estrutura da Relação Lógica X Refutação (VIGNER, 1988), na argumentação de Cony: senador cassado é "chutado" (lógica), MAS como ele tem a lei a seu favor (refutação), esse chutar é inútil. Essa relação de oposição, indicada por "mas" é importante, pois a refutação da lógica pode ser uma crítica velada às leis que regem a política do País. Em termos da Teoria de Toulmin, representaria a falta de garantia das leis aos dados (cargo público de DT) oferecidos para determinada reivindicação (direitos perante a lei).

O modo narrativo neste estágio insere vários modos argumentativos, por meio da "fusão escalada" (REYNOLDS, 2000), em que os dois modos textuais - o narrativo e o argumentativo - se fundem, em uma mistura complexa, difícil de distinguir um do outro, concorrendo para o estabelecimento do processo persuasivo.

Neste estágio, Cony recorre à “concessiva cardinal” pela qual o escritor/falante faz uma concessão, aceitando uma opinião, mas a seguir expõe a sua versão (COUPER-KUHLEN, E.; THOMPSON, B., 2000). Com isso, ele dá início à sua argumentação que consiste em persuadir o leitor mostrando que, ao mesmo tempo em que concorda

com a condenação de DT, não há necessidade de mais indignação por parte do público.

Terceiro estágio

A causa que provocou a sua expulsão do Senado continua de pé.

Argumento

Ele infringiu a lei.

Discussão do 3º estágio

Como que para acalmar os ânimos, Cony reconhece que a condenação de DT ainda espera por mais, já que o político deveria ser impedido de retornar ao seu antigo cargo como se nada houvesse acontecido. A fusão escalada entre narrativa e argumento, trazendo o fato de que "a causa continua de pé", fortalece um lado de sua argumentação em prol do "esfola e mata".

Esses prós e contras sobre o tema "Esfola! Mata!", expressos alternadamente têm a função não só de dar imparcialidade aos seus argumentos, mas também de provocar uma reflexão no leitor.

Quarto estágio

Seria um caso para ser decidido no âmbito de seu Estado. Ele pode responder a um processo administrativo em Goiás, com amplo direito de defesa. E se for condenado, aí sim, perderá o emprego a bem do serviço público. Fora disso, seria uma violência e uma vingança mesquinha que nenhum homem (ou cachorro) atropelado merece.

Argumento

Mas tem direito à defesa.

Discussão do 4º estágio

Cony crítica aqueles que, não contentes com a cassação dos direitos políticos de DT e o veem desarticulado e fragilizado, ainda clamam por atos de "vingança". Notemos que, aparentemente, o artigo mostra Cony apoiando o ex-senador versus opinião pública. Esse fato, pareceu indicar ao público que Cony fosse favorável a DT, como muitos interpretaram o fato em suas postagens pela Internet.

Segundo Toulmin (1958), diante de uma reivindicação ["Chutar cachorro atropelado é inútil"], deve-se procurar os dados que garantam essa declaração. Ora, a reivindicação de Cony apoia-se na garantia oferecida pela lei. Diante disso, pode-se pensar que o "Esfola! e Mata!", "a violência e a vingança", sejam realmente inúteis. O enfoque é outro: a lei. Cony traça, com esse artigo, sua crítica à lei que permite a um senador cassado voltar a ocupar outro cargo público.

Quinto estágio

Argumento

Em tempo: gostei da crônica do Sérgio Dávila do último domingo, na qual aparece um cidadão recebendo e agradecendo, no seu iPhone 4, o carinho da mulher, de parentes e de amigos na mesma hora em que estava sendo votada a sua cassação.

DT já sofre as consequências de sua culpa.

Discussão do 5º estágio

Para sustentar sua argumentação, Cony cita uma crônica que - indiretamente - mostra a situação de isolamento reservada àqueles que não agem de acordo com o decoro parlamentar. Além de ser suficientemente penalizado pela cassação, o ex-senador ainda precisa contar com a boa vontade - ou piedade - das pessoas no seu âmbito íntimo, pessoas com quem precisará conviver. Poder-se-ia ver nessa comparação entre os parlamentares, de um lado, e familiares, de outro, a opinião de Cony, valores opostos centrados na punição versus perdão, para um mesmo fato.

Sexto estágio

O repúdio público provocado por suas relações com um esquema criminoso não afetou o carinho de sua família e de seus amigos. Politicamente isolado, com evidente e já punida culpa no cartório, cabe-lhe resgatar a sua imagem pública - e, para isso, deverá contar com o apoio não apenas de sua família e de amigos, mas de todos aqueles que sentem repugnância em chutar um homem (ou um cachorro) atropelado.

Tese

Não é hora de chutar cachorro atropelado, pois há lei que protege DT.

Discussão do 6º estágio

O "esquema criminoso" já foi punido. O político paga agora um alto preço na tentativa de resgatar sua imagem pública.

O texto de Cony revela o seguinte esquema, resultado da argumentação que foi sendo desenvolvida, para reforçar sua hipótese, e demonstrar sua tese: "Não se deve chutar cachorro atropelado".

DT é culpado → e já foi "atropelado" (foi cassado como senador) → mas a lei permite o retorno ao seu cargo como procurador público → porém ele sofre o isolamento político → ou seja, não se deve chutar cachorro atropelado, porque inútil (sentir-se indignado e injustiçado, pois a lei o resguarda na continuidade do cargo).

Uma vez preparado o terreno, com os três modos textuais, contando, então, com a adesão do leitor à sua hipótese, Cony pode agora usar enunciados monoglóssicos, como: "não afetou o carinho", "evidente e já punida culpa", "deverá contar" e deixar clara a validade de sua hipótese, assim transformada em tese.

3.1.1 Discussão geral da análise de gênero

A análise de gênero mostra seis estágios em que Cony apresenta seu posicionamento, diante do clamor popular expresso por “Esfola! Mata!” em relação ao ex-senador Demóstenes Torres (DT). Trata-se, em termos da proposta Martin/Porta, da hipótese de solução, um estágio do texto argumentativo, em que o articulista sugere sua linha argumentativa em favor do não esfola nem mata. Notemos a presença da fusão escalada entre narração e argumentação, em que o autor cita fatos que, mesmo sem o uso de epítetos avaliativos, são percebidos como avaliados negativamente, graças ao frame do leitor.

A seguir, no segundo estágio, Cony apresenta o problema, que consiste na surpresa popular ao saber que DT continuaria ocupando um cargo público com a respectiva remuneração. Nota-se já a preocupação do autor em alternar os posicionamentos que ou justificam a indignação popular, ou mostram a inutilidade desse tipo de reação.

No terceiro e quarto estágios, iniciam-se os argumentos em prol de sua posição e, como que para acalmar os ânimos, Cony lembra que DT não está inteiramente livre da lei. Portanto, não há por que recorrer a atitudes inflamadas contra DT, pois ele ainda responderá a processos judiciais.

A seguir, ele recorre a uma outra voz para embasar a sua, trazendo para a defesa de sua hipótese, um fato que introduz a persuasão via sedução, na tentativa de persuadir o leitor por meio de relato de natureza emotiva. Assim, vemos DT, no seio da família, cercado de amigos, uma pessoa que pouco tem a ver com a figura do político cassado e execrado.

Outras vozes são ouvidas ao fim de sua argumentação. São as vozes de “todos aqueles que sentem repugnância em chutar um homem (ou um cachorro) atropelado”, e com isso, pelo menos em tese, Cony espera a adesão do leitor à sua proposta.

3.2 Análise da Transitividade e da Modalidade/Avaliatividade

Passo, agora, para a segunda etapa da análise, quando examino o artigo do ponto de vista das escolhas lexicais no que se refere às metafunções ideacional (transitividade) e interpessoal (modalidade e avaliatividade). A modalidade é uma proposta de Halliday (1994) incluída na metafunção interpessoal; já a avaliatividade foi proposta por Martin (2000), para quem a LSF não abordou a dimensão semântica da avaliação, isto é, o modo como os interlocutores estão se sentindo, os julgamentos que eles fazem, o valor que eles atribuem a vários fenômenos de sua experiência. Essas etapas fornecerão a base para a análise

seguinte, ou seja, a identificação da ideologia que contribui para a persuasão referente à demonstração da tese de Cony.

A análise das três metafunções no artigo de opinião de Cony será feita concomitantemente:

| | |
|--|--|
| Transitividade | sublinhado |
| Processo | maiúscula |
| Modalidade/Avaliatividade | negrito |
| Avaliatividade | positiva (+); negativa (-) <i>token</i> (avaliação implícita) |
| Nota: Entre parênteses, o elemento omitido. | |

Esfola! Mata!

Carlos Heitor Cony

1º. estágio

(Eu) (Experienciador) APRENDI [Mental], não SEI [Mental] com quem, que não se deve [Obrigação] DAR dois tipos de CHUTE [Comportamental]: em **despacho de macumba e em cachorro atropelado** [Fenômeno] [Julgamento (-)]. Na realidade, **nunca** [Não-Frequência] **tive vontade** [=quis] [Não-Desejabilidade] nem oportunidade para **chutar despachos com farofa e velas acesas** [Julgamento (-)], e **muito menos** [Frequência] **chutar cachorros** [Julgamento (-)]. Daí a maneira como FIQUEI SABENDO [Mental] de mais uma **coisa inútil** [Fenômeno] [Apreciação (-)], entre outras tantas [Fenômeno] [Apreciação (-) *token*].

Discussão do primeiro estágio

O texto se intitula "Esfola! Mata!", que abre duas possibilidades de acepção: seria a violência aí sugerida a posição de Cony ou de outros? O primeiro parágrafo faz entrever que se trata da segunda alternativa, pois, logo no início, Cony é o Experienciador de dois processos Mentais ["aprender" e "saber"], pelos quais se depreende que o título "Esfola! Mata!" não se refere à sua posição. Outras vozes o informaram de que não se deve chutar despacho de macumba e nem cachorro atropelado. Julgamentos negativos de não-Desejabilidade e não-Frequência alinham-se estabelecendo a coesão pela prosódia (a avaliação que se espalha pelo texto), que sugerem de um lado que Cony condena o ato de castigar quem já está penalizado e por outro – o motivo maior do artigo – que é persuadir o leitor a não aderir ao movimento Mata! Esfola!, algo como um linchamento no imaginário popular que só pioraria a situação.

2º. estágio

No momento [Circunstância], TEMOS [Existencial] o caso do ex-senador Demóstenes Torres [Existente] [Julgamento (-) *token*], que depois de **ATROPELADO** [Julgamento (-)], está sendo **CHUTADO** [Julgamento (-)] como o **demônio** [Avaliação Social (-)] da vez, na base do **MATA** [Julgamento (-)], **ESFOLA** [Julgamento (-)]! MERECEU [Mental] o **atropelamento** [Julgamento (-)]. Foi com **alívio** [Afeto] que a opinião pública [Beneficiário] RECEBEU [Material] a sua **cassação** [Meta]. Mas a mesma opinião pública ficou **pasmada** [Avaliação Social (-)] ao SABER [Mental] que ele voltará a ser o que era [Fenômeno], OCUPANDO [Material] um cargo público com a **respectiva remuneração** [Avaliação Social (-) *token*].

Discussão do segundo estágio

Com uma fusão de narração e descrição sobre situações conhecidas do leitor, Cony traça a situação vigente: a contradição entre a cassação do exercício de um cargo público e o retorno ao exercício de outro cargo público. Nessa fusão, há a interferência de duas vozes: a do autor ("mereceu o atropelamento") e, como reforço à sua voz, a presença da opinião pública ("ficou aliviada", única avaliação positiva), mas logo se decepcionou ("ficou pasmada"), em que se percebe a crítica do autor referente à incoerência da lei. De resto, o parágrafo é coeso por meio da prosódia de Avaliatividade negativa.

Notemos o uso de nominalizações ("atropelamento", "cassação") que exercem duas funções: o autor não precisa citar o Ator ou a Meta desses processos, facilmente recuperáveis do contexto pelo leitor e, além disso, coloca Demóstenes Torre (DT) como a vítima desses processos (o atropelado e cassado).

3º. estágio

A causa [Ator] que PROVOCOU [Material] a sua expulsão do Senado [Meta] CONTINUA DE PÉ (=persiste) [Existencial].

Discussão do terceiro estágio

Cony lembra o leitor que o retorno de DT ao cargo público não elimina sua culpa e a condenação pública. Dá, assim, continuidade à oposição entre o "esfola e mata" e a realidade incontestável da lei: daí não ser necessário "chutar cachorro atropelado". É mais um acréscimo de cunho persuasivo em defesa da sua hipótese.

Novamente, a nominalização ("expulsão") coloca DT, sem mencioná-lo, como Meta do Processo Material ("expulsar").

4º. estágio

Seria [Probabilidade] um caso para ser DECIDIDO [Comportamental] no âmbito de seu Estado [Circunstância]. Ele **pode** [Probabilidade] RESPONDER a um **processo administrativo** [Avaliação Social (-)] em Goiás, com **amplo direito de defesa** [Circunstância] [Avaliação Social (+)]. E se for **condenado** [Julgamento (-)], aí sim, **PERDERÁ** [(Não) Existencial] [Julgamento (-)] o emprego a bem do serviço público [Avaliação Social (+)]. Fora disso, **seria** [Probabilidade] uma **violência e uma vingança mesquinha** [Julgamento (-)] que nenhum homem (ou cachorro) atropelado [Meta] MERECE (RECEBER) [Material].

Discussão do quarto estágio

A presença da modalização de probabilidade (“seria”, “pode”, “se for”) mostra a cautela do autor nas afirmações que faz na tentativa de persuadir o leitor a favor de sua hipótese. Ele assim o faz com o apoio da convicção, trazendo a lei a seu favor, bem como da sedução, referindo-se a expressões como “vingança mesquinha”. Notemos, porém, que essa modalização assim como promove a cautela, pode também camuflar declarações calcadas em futuro hipotético, que poderão nunca se realizar, mas que podem ser entendidas como sendo acontecimentos de realização iminente.

5º. estágio

Em tempo: **GOSTEI** [Afeto (+)] da crônica do Sérgio Dávila do último domingo, na qual **APARECE** [Existencial] um cidadão **RECEBENDO** [Material] [Afeto (+)] e **AGRADECENDO** [Verbal] [Afeto (+)], no seu iPhone 4 [Circunstância], **o carinho da mulher** [Afeto (+)], **de parentes e de amigos** [Afeto (+)] na mesma hora [Circunstância] [Apreciação (-)] em que estava sendo votada a sua cassação [Circunstância] [Julgamento (-)].

Discussão do quinto estágio

Na sua defesa da hipótese de que “é inútil chutar cachorro atropelado”, Cony fala por meio da voz de Sérgio D’Avila para mostrar o outro lado da medalha, o do ser humano que, embora derrotado na vida política, conta ainda com o carinho de seus familiares e amigos no âmbito privado.

Cony, então, conta com o sistema de intertextualidade, um sistema socialmente dinâmico, por meio do qual confrontam-se interesses sociais diversos e pontos-de-vista, que falam com vozes distintas, que proclamam diferentes proposições temáticas, atribuem avaliações diferentes e usam gêneros característicos e atividades de fala diferentes (LEMKE, 1988).

Nesse processo persuasivo, a avaliatividade de afeto positivo contribui para reforçar a argumentação de Cony, para amenizar o ambiente de exaltação furiosa que reina no panorama político. Cony parece dizer que o ser humano é um ente complexo e, por isso, não deveria ser julgado apenas por sua faceta em evidência em determinados momentos.

6º. estágio

O repúdio público [Avaliação Social (-)] **PROVOCADO** [Material] por suas relações com um esquema criminoso [Ator] [Julgamento (-)] não **AFETOU o carinho de sua família e de seus amigos** [Afeto (+)]. **Politicamente isolado** [Julgamento (-)], com **evidente** [Julgamento (-)] e já **punida culpa no cartório** [Julgamento (-)], cabe-lhe **RESGATAR** [Material] a sua imagem pública [Meta] e, para isso, **deverá** [Obrigação] **CONTAR com o apoio** [Afeto (+)] não apenas de sua família e de amigos, mas de todos aqueles [Experienciador] que **SENTEM** [Mental] **repugnância** [Apreciação (-)] **em chutar um homem (ou um cachorro) atropelado** [Julgamento (-)].

Discussão do sexto estágio

Cony finaliza, mostrando, por meio da apresentação das duas possíveis atitudes em relação à cassação de DT, que a sua hipótese de solução, seu posicionamento de não esfolar e nem matar prevalece em todos que não chutariam um cachorro atropelado, ato de covardia que ninguém gostaria de assumir. Já bastaria a indiferença e a ausência de consideração que o político sofre em seu ambiente profissional. Cony, assim, conta também com as vozes de “todos aqueles” para terminar seu artigo.

3.2.1 Discussão geral da análise interativa e interacional

Cony é o experienciador de dois processos mentais ["aprender" e "saber"], pelos quais ele inicia sua posição contrária ao movimento de Esfolar! Mata! contra o ex-senador Demóstenes Torres, que começa a invadir o País. Inicialmente, o articulista recorre ao sistema cultural de valores e crenças do brasileiro, criando um clima repleto de imagens ("despacho de macumba", "cachorro atropelado", "farofa e velas acesas") que desencadeariam no leitor um clima negativo de mistério e de obscuridade, que provavelmente gostariam de evitar. E, nesse clima, ele inicia o seu posicionamento, afirmando no primeiro estágio: "nunca tive vontade de chutar" seja, macumba, seja cachorro atropelado, ou seja, expressa sua hipótese de que não é hora de penalizar alguém que já foi cassado.

Julgamentos negativos alinham-se estabelecendo a coesão pela prosódia (a avaliação única resultante da soma das avaliações que se espalham pelo texto).

Na fusão de narração e descrição sobre situações conhecidas do leitor, que apoiam o ponto de vista de Cony, a presença da opinião pública "fica aliviada",

recebendo Avaliatividade de Afeto positivo. No entanto, esse alívio é logo desmentido com a opinião pública "ficou pasmada", devido ao retorno de DT a um cargo público, em que se entrevê a crítica do autor referente à incoerência da lei. Notemos a nominalização ("expulsão"), responsável em trazer DT ao cenário sem mencioná-lo, como Meta do Processo Material ("expulsar").

O articulista, ao fazer suas afirmações sobre as possibilidades ainda garantidas a DT, tem o cuidado de marcá-las com escolhas léxico-gramaticais de modalização de probabilidade ("seria", "pode", "se for"), que as coloca como futuro hipotético, mas que bastam para alertar a comunidade da inutilidade de Esfolá! Mata! Para tanto, as avaliatividades de julgamento positivas e negativas apoiam o estabelecimento de uma situação que flutua entre os prós e contras da revolta do povo.

Finalmente, para preparar o terreno em que insere seu último argumento, Cony fala de político derrotado na vida pública, mas amparado na vida familiar, o que talvez uma tentativa de mostrar a complexidade do ser humano. Nesse contexto, a avaliatividade de afeto positiva ameniza o ambiente de exaltação furiosa que reina no panorama político. Assim, ele tem as condições necessárias para falar do desgosto que sentiria em chutar um cachorro atropelado, esperando que possa assim persuadir seu público abandonar essa ideia cheia de ira e de violência, já que amplamente inútil. Se assim for, ele terá convertido sua hipótese em tese.

A análise feita mostra que o exame da microestrutura linguística revela a existência de elementos pertencentes a crenças e valores da cultura de uma comunidade, dos quais Cony lança mão para mais facilmente persuadir seus leitores. O objetivo do autor é mostrar a incoerência da lei que dá direito a um senador cassado de retornar à sua atividade pública. Para tanto, ele vai ao encontro do conhecimento das expectativas do receptor, para poder falar sobre fatos que povoam o frame do receptor da mensagem e assim conseguir a acolhida positiva de suas ideias. Nesse sentido, Cony articula e defende discursivamente a ideologia do povo brasileiro para que o leitor apoie sua proposta.

Assim, por exemplo, Cony cria um ambiente negativo, com situações rejeitadas pelo povo, para, inicialmente, compor um contexto de não aceitação do retorno de DT à sua atividade profissional. Como a sua intenção, porém, é a de convencer a população a não dar continuidade ao movimento de Esfolá! Mata!, nele recorre, novamente, à ideologia do grupo, chamando a atenção para o fato legal que sustenta o privilégio do político cassado.

Se a persuasão, via convicção, não resultar em apoio à sua ideia, o que é uma possibilidade, Cony, finaliza, clamando pela persuasão por meio da sedução, recorrendo, agora, à sensibilidade do leitor para lançar o seu argumento derradeiro em favor de sua proposta.

Por meio da análise do artigo de opinião em foco, podemos entender como o escritor, sabendo como os grupos sociais são construídos e diferenciados com base na ideologia, pode tirar proveito desse fato em favor do processo de persuasão.

Vimos que as formas linguísticas no nível superficial – tanto as do gênero, quanto as do sistema de transitividade e de avaliatividade – fazem surgir posições

ideológicas subjacentes, que dão apoio a Cony para tecer o processo persuasivo com que buscará a adesão do leitor a sua tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi o exame, de cunho crítico, da persuasão que percorre o artigo de opinião, de autoria de Carlos Heitor Cony, *Efola! Mata!*, publicado na Folha de São Paulo em 17.07.12. e no site da Academia Brasileira de Letras. Acreditamos que pudemos responder às perguntas propostas.

A análise do gênero artigo de opinião com a divisão do texto em estágios genéricos e posterior enfoque nas finalidades de cada estágio tem a vantagem de avaliar a coerência do texto em termos de sua macroestrutura, ou seja, da estrutura de uma argumentação. Pude ver que o autor adotou a estrutura conhecida como "Problema-Solução", em que apresenta a sua proposta referente a um problema e tece a argumentação, mostrando os prós e os contra do que é anunciado no título *Efola! Mata!*

Por outro lado, a análise da microestrutura - feita por meio do exame do sistema da transitividade, da metafunção ideacional, e da avaliatividade/modalidade, da metafunção interpessoal - mostra que as escolhas léxico-gramaticais feitas, nesse nível, por Cony, revelam a ideologia do povo a quem a autoria se dirige, e da qual ele lança mão para convencer seu público a aceitar sua proposta.

Quanto ao meu envolvimento nesta pesquisa, nesses anos anteriores em que me ocupei da leitura de teorias que embasam a análise do artigo em foco, revelaram-me novas perspectivas de estudo e de ensino de língua. Faltava-me, agora percebo, uma teoria que me ajudasse a responder adequadamente aos problemas que surgiam em sala de aula, em especial nas aulas de redação. Tenho já colhido frutos extremamente positivos, tanto na produção da escrita, como também na interação com a classe, uma consequência indireta da assimilação de propostas teórico-metodológicas que essa pesquisa me proporcionou.

Espero que a minha pesquisa possa ser útil ao avanço das ciências linguística, principalmente, na área da Linguística Aplicada, apesar de saber que há um vasto campo a ser explorado.

ANEXO A

Texto na íntegra

Esfola! Mata!

Carlos Heitor Cony

Aprendi, não sei com quem, que não se deve dar dois tipos de chute: em despacho de macumba e em cachorro atropelado. Na realidade, nunca tive vontade nem oportunidade para chutar despachos com farofa e velas acesas, e muito menos chutar cachorros. Daí a maneira como fiquei sabendo de mais uma coisa inútil, entre outras tantas.

No momento, temos o caso do ex-senador Demóstenes Torres, que depois de atropelado, está sendo chutado como o demônio da vez, na base do mata, esfola! Mereceu o atropelamento. Foi com alívio que a opinião pública recebeu a sua cassação. Mas a mesma opinião pública ficou pasmada ao saber que ele voltará a ser o que era, ocupando um cargo público com a respectiva remuneração.

A causa que provocou a sua expulsão do Senado continua de pé.

Seria um caso para ser decidido no âmbito de seu Estado. Ele pode responder a um processo administrativo em Goiás, com amplo direito de defesa. E se for condenado, aí sim, perderá o emprego a bem do serviço público. Fora disso, seria uma violência e uma vingança mesquinha que nenhum homem (ou cachorro) atropelado merece.

Em tempo: gostei da crônica do Sérgio D'Avila do último domingo, na qual aparece um cidadão recebendo e agradecendo, no seu iPhone 4, o carinho da mulher, de parentes e de amigos na mesma hora em que estava sendo votada a sua cassação.

O repúdio público provocado por suas relações com um esquema criminoso não afetou o carinho de sua família e de seus amigos. Politicamente isolado, com evidente e já punida culpa no cartório, cabe-lhe resgatar a sua imagem pública e, para isso, deverá contar com o apoio não apenas de sua família e de amigos, mas de todos aqueles que sentem repugnância em chutar um homem (ou um cachorro) atropelado.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 17 de junho de 2012. Produzido por Carlos Heitor Cony. Disponível em: Acesso em 25 de out.2013.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 279-282.

BEDNAREK, M.A. Frames revisited – The coherence-inducing function of frames. **Journal of Pragmatics** 37.5, 2005, p. 685-706.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa. Brasília, 2000.

CALDAS-COULTHARD, C.R. **News as social practice: A study in critical discourse analysis**. Santa Catarina: Editora CCE-UFSC, 1997.

CAMERON, D. (Org.) **The feminist critique of language, a Reader**. Londres: Routledge, 1985, 1990.

CHRISTIE, F.; DEREWIANKA, B. **School Discourse**. Londres, Continuum Internacional Publishing Group 2008.

COTTER, C.. Diversity awareness and the role of language in cultural representations in news stories, **Journal of Pragmatics** 43.7, 2011, p. 1890-1899.

COULTHARD, C.R.C; COULTHARD, M. Texts and Practices: Readings In: _____. **Critical Discourse Analysis**. Londres: Routledge, 1996

COUPER-KUHLEN, E.; THOMPSON, S.A. Concessive patterns in conversation. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B (Orgs.) **Cause, Condition, Concession, and Contrast: Cognitive and discourse perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000, p. 381-410.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. Londres: Logman, 1989.

_____. **Discourse and Social Change**, Cambridge: Polity Press, 1992a.

_____. (Org.) **Critical Language Awareness**. Londres: Routledge, 1992b.

FOWLER, R. **Language in the news**. Londres: Routledge, 1991.

FOWLER, R.; HODGE B.; KRESS, G; TREW, T. (Orgs.) **Language and Control**. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1979.

_____. **An Introduction to Functional Grammar**. Londres: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Language, Context & Text** – Aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford Univ. Press, 1976, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. e MATHIESSEN, M. I. M. **Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition**, London, New York Cassell, 2004.

HOEY, M. Signalling in discourse: a functional analysis of a common discourse pattern in written and spoken English. In: COULTHARD, M. (Org.) **Advances in Written Text Analysis**, Londres: Routledge, 1994.

HUNSTON, S. Evaluation and ideology in scientific discourse. In: GHADDESSY, M. (Org.) **Register Analysis: Theory and Practice**. Londres: Pinter, 1993.

_____. Evaluation and organization in a sample of written academic discourse. In: COULTHARD, M. (Org.) **Advances in Written Text Analysis**. Londres: Routledge, 1994.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. Evaluation: An Introduction. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Orgs.) **Evaluation in Text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KÄRKKÄINEN, E. Stance taking in conversation: From subjectivity to intersubjectivity. **Text & Talk** 26.6 (699-731), 2006.

KITIS, E. e MILAPIDES, M. Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse - A case study. **Journal of Pragmatics**, 28, 1997, p. 557-590.

KRESS, G. R.; HODGE, R. I. V. **Language and ideology**, Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1987.

LAUERBACH, G. Argumentation in political talk show interviews. **Journal of Pragmatics**, v. 39. 2007.

LEE, S. H. An integrative framework for the analyses of argumentative/persuasive essays from an interpersonal perspective. **Text & Talk**, 2008, p. 239-270.

LEMKE, J. L. Discourses in conflict: Heteroglossia and text semantics. In: BENSON, J.D.; GREAVES, W.S. (Orgs.) **Systemic Functional Approaches to Discourse**. Norwood, NJ: Ablex, 1988, p. 29-50.

_____. Resources for attitudinal meaning – Evaluative orientations in text semantics. **Functions of Language**, 1998, p. 33-56.

LI, J. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. **Journal of Pragmatics**, 42,12, 2010, p. 34-58.

LUKIN, Annabelle. What do texts do? The context-construing work of News. **Text &Talk** 2013; 33(4-5): 523 – 551.

MARTIN, J. R. Language, register and genre. In: Christie, F. (Org.), **Children writing: reader**. Geelong: Deaking University Press, 1984, p. 21-30.

_____. **English Text: System and Structure**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1992.

_____. Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Orgs.). **Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse**. Oxford, Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R. **The Language of Evaluation Appraisal in English**. 2005.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical cartography: English System**. Tóquio: International Language Science Publishers, 1995.

NORMAS para publicação da PUC MINAS. Minas Gerais: Editora da Pontifícia Universidade Católica, 2011.

PERELMAN, Ch.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Traité de l'Argumenation** – La Nouvelle Rhétorique. Univ. de Bruxelles, 1970.

PORTA, M. A. G. **A Filosofia a partir de seus problemas**. SP: Edições Loyola. 2000.

REYNOLDS, M. **Learning Styles: A Critique**, Management Learning 28.2, 1997, p.: 115-33.

_____. The blending of narrative and argument in the generic texture of newspaper editorials. **International Journal of Applied Linguistics**.10.1, 2000, p. 25-40.

ROSE, D.; MARTIN, J.R. **Learning to Write, Reading to Learn** – Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School. Londres: Equinox Publishing Ltd., 2012.

SCANELL, P. **Broadcast Talk**. Londres: Sage, 1991.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. London: Arnold, 1996.

_____. Resonance in text. In: SANCHEZ-MACARRO, A.; CARTER, R. (Orgs.) **Linguistic choice across genres: variation in spoken and written English**. Londres: John Benjamins, 1998.

_____. Interaction in Academic Writing: Learning to Argue with the Reader. **Applied Linguistics**, 2001, p. 58-78.

THOMPSON, G; THETELA, P. The sound of one hand clapping: The management of interaction in written discourse. In **TEXT** 15.1, 1995, p. 103-127.

TOULMIN, E. S. **Os usos da argumentação**. Cambridge University Press, 1958.

VAN DIJK, T. Principles of critical discourse analysis. **Discourse and Society** 4, 1993, p. 249-283.

_____. Discourse as Interaction in Society. In: VAN DIJK, T. (Org.) **Discourse as Social Interaction**, vol.2, Londres: SAGE, 1997.

VIGNER, G. Técnicas de aprendizagem da argumentação escrita. In: Coste, D. et al. **O texto: Leitura e Escrita**. SP: Pontes, 1988.

Recebido: 10 nov. 2016

Aprovado: 11 mar. 2019

DOI: 10.3895/rl.v21n32.4932

Como citar: SILVA, Maria Piedade Teodoro da. Interação e persuasão em artigo de opinião de Carlos Heitor Cony: um enfoque sistêmico-funcional. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 32 p. 63-92, mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

